

O apoio do Clube de Paris

ESTADO DE SAO PAULO

O ministro Fernando Henrique Cardoso seguiu para França a fim de pedir a compreensão do Clube de Paris. A visita ocorre em momento particularmente favorável, não tanto pelos resultados da política econômica, mas principalmente porque se poderá eventualmente discutir uma transação de especial interesse das autoridades francesas, qual seja a venda de uma rede de radares para a Amazônia. Isso não significa que a boa disposição do governo de Paris possa superar os problemas brasileiros.

O ministro foi suficientemente sensível ao revogar uma decisão do Banco Central, suspendendo uma parcela dos pagamentos devidos ao Clube de Paris. À época, comentamos que a suspensão seria muito mal recebida pelos países credores, ainda que as autoridades de Brasília tivessem afirmado

que não se tratava de um confronto, mas apenas de uma providência acertada com os membros da organização. Antes de viajar para a reunião anual do FMI-Bird, Fernando Henrique Cardoso, depois de verificar que tinha havido mal-entendido nas informações, determinou a suspensão da moratória parcial com o Clube de Paris. Tal decisão foi importante: sem ela, certamente, a sua atual visita a Paris não teria tido sentido.

No que se refere aos assuntos diretamente ligados ao Clube (há algumas questões importantes a tratar com o governo da França), o ministro da Fazenda leva diversas reivindicações. Em primeiro lugar, ele gostaria que a parcela que foi, num momento de infelicidade, objeto da moratória fosse incluída no esquema de consolidação da dívida principal. Ele terá certamente dificuldades para con-

vencer o Clube de Paris a aceitar sua sugestão. De fato, não só não conseguimos, até agora, assinar um acordo com o FMI (o que era uma condição requerida não para incluir a velha dívida no esquema, mas para assegurar a continuidade do acordo relativo à dívida principal) como também o Clube não costuma consolidar um débito que já tenha sido objeto de reestruturação.

No decorrer da visita, Fernando Henrique Cardoso vai se despedir do atual presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, que por dever assumir a função de governador do Banco Central deixará essa presidência, em cujo decorrer sempre ajudou nosso país. Seu su-

cessor, Christian Noyer, é um bom conhecedor dos problemas brasileiros. Sua principal tarefa porém será pedir o apoio do Clube para convencer os bancos credores e o próprio FMI a adotar uma posição de compreensão para as dificuldades do Brasil, que

podem exigir um prazo superior ao que foi previsto (fins de fevereiro), para saneamento das finanças públicas. Difícilmente, poderá o novo presidente do Clube de Paris assumir um

compromisso que envolva os demais parceiros. O governo de Washington, cada vez mais inflexível, entende que "fora do FMI não há salvação", afirmando que o Brasil está à procura de razões para adiar seu programa de ajuste.

Favorecido por circunstâncias várias, o Planalto procura resolver pendências com o Clube de Paris